

MEIO AMBIENTE, SUSTENTABILIDADE E AGROECOLOGIA

Tayronne de Almeida Rodrigues
João Leandro Neto
Dennyura Oliveira Galvão
(Organizadores)



Atena
Editora

Ano 2019

Henrique Ajuz Holzmann

(Organizador)

Meio Ambiente, Sustentabilidade e Agroecologia

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

M514 Meio ambiente, sustentabilidade e agroecologia [recurso eletrônico] /
Organizadores Tayronne de Almeida Rodrigues, João Leandro
Neto, Dennyura Oliveira Galvão. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Meio Ambiente, Sustentabilidade e
Agroecologia; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-321-7

DOI 10.22533/at.ed.217191604

1. Agroecologia – Pesquisa – Brasil. 2. Meio ambiente – Pesquisa
– Brasil. 3. Sustentabilidade. I. Rodrigues, Tayronne de Almeida.
II. Leandro Neto, João. III. Galvão, Dennyura Oliveira. IV. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

APRESENTAÇÃO

A obra Meio Ambiente, Sustentabilidade e Agroecologia vem tratar de um conjunto de atitudes, de ideias que são viáveis para a sociedade, em busca da preservação dos recursos naturais.

Em sua origem a espécie humana era nômade, e vivia integrada a natureza, sobreviviam da caça e da colheita. Ao perceber o esgotamento de recursos na região onde habitavam, migravam para outra área, permitindo que houvesse uma reposição natural do que foi destruído. Com a chegada da agricultura o ser humano desenvolveu métodos de irrigação, além da domesticação de animais e também descobriu que a natureza oferecia elementos extraídos e trabalhados que podiam ser transformados em diversos utensílios. As pequenas tribos cresceram, formando cidades, reinos e até mesmo impérios e a intervenção do homem embora pareça benéfica, passou a alterar cada vez mais negativamente o meio ambiente.

No século com XIX as máquinas a vapor movidas a carvão mineral, a Revolução Industrial mudaria para sempre a sociedade humana. A produção em grande volume dos itens de consumo começou a gerar demandas e com isso a extração de recursos naturais foi intensificada. Até a agricultura que antes era destinada a subsistência passou a ter larga escala, com cultivos para a venda em diversos mercados do mundo. Atualmente esse modelo de consumo, produção, extração desenfreada ameaça não apenas a natureza, mas sua própria existência. Percebe-se o esgotamento de recursos essenciais para as diversas atividades humanas e a extinção de animais que antes eram abundantes no planeta. Por estes motivos é necessário que o ser humano adote uma postura mais sustentável.

A ONU desenvolveu o conceito de sustentabilidade como desenvolvimento que responde as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades das gerações futuras de satisfazer seus próprios anseios. A sustentabilidade possui quatro vertentes principais: ambiental, econômica, social e cultural, que trata do uso consciente dos recursos naturais, bem como planejamento para sua reposição, bem como no reaproveitamento de matérias primas, no desenvolvimento de métodos mais baratos, na integração de todos os indivíduos na sociedade, proporcionando as condições necessárias para que exerçam sua cidadania e a integração do desenvolvimento tecnológico social, perpetuando dessa maneira as heranças culturais de cada povo. Para que isso ocorra as entidades e governos precisam estar juntos, seja utilizando transportes alternativos, reciclando, incentivando a permacultura, o consumo de alimentos orgânicos ou fomentando o uso de energias renováveis.

No âmbito da Agroecologia apresentam-se conceitos e metodologias para estudar os agroecossistemas, cujo objetivo é permitir a implantação e o desenvolvimento de estilos de agricultura com maior sustentabilidade, como bem tratam os autores desta obra. A agroecologia está preocupada com o equilíbrio da natureza e a produção de alimentos sustentáveis, como também é um organismo vivo com sistemas integrados

entre si: solo, árvores, plantas cultivadas e animais.

Ao publicar esta obra a Atena Editora, mostra seu ato de responsabilidade com o planeta quando incentiva estudos nessa área, com a finalidade das sociedades sustentáveis adotarem a preocupação com o futuro.

Tenham uma excelente leitura!

Tayronne de Almeida Rodrigues

João Leandro Neto

Dennyura Oliveira Galvão

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CRISE CONTEMPORÂNEA AMBIENTAL: EM BUSCA DO EQUILÍBRIO	
João Leandro Neto Tayronne de Almeida Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.2171916041	
CAPÍTULO 2	15
A IMPORTÂNCIA DO EMPODERAMENTO DA MULHER CAMPONESA NA GESTÃO DA PROPRIEDADE RURAL	
Jéssica Puhl Croda Djoney Procknow Samara Lazarotto Denise Gazzana Oscar Agustin Torres Figueredo	
DOI 10.22533/at.ed.2171916042	
CAPÍTULO 3	21
A SUSTENTABILIDADE DA MATRIZ ENERGÉTICA BRASILEIRA: A PERSPECTIVA DO ESTADO E O CONTRA-ARGUMENTO	
Fernando Oliveira Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.2171916043	
CAPÍTULO 4	30
AGENDA AMBIENTAL NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA: MATERIAIS SUSTENTÁVEIS EM CONSTRUÇÕES DE IES PÚBLICAS	
Stephane Louise Boca Santa Rozineide Aparecida Antunes Boca Santa Elisete Dahmer Pfitscher Humberto Gracher Riella	
DOI 10.22533/at.ed.2171916044	
CAPÍTULO 5	38
AGROFLORESTA E SEUS BENEFÍCIOS SALIENTANDO AS VANTAGENS AMBIENTAIS	
Alisson Luis Soares Teixeira Ana Beatriz Barros Maia Gonçalves Glaucilaine Barbosa Campaneruti Larissa Pereira Caldas de Oliveira Viviane Pereira Alves	
DOI 10.22533/at.ed.2171916045	
CAPÍTULO 6	52
ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O PROTAGONISMO DAS MULHERES DO CAMPO, NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA SUSTENTÁVEL	
Flaviana Cavalcanti da Silva Antônio Lázaro Sant'Ana Ana Heloisa Maia	
DOI 10.22533/at.ed.2171916046	

CAPÍTULO 7	65
AS CONTRIBUIÇÕES DO MODO DE VIDA AGROECOLÓGICO PARA FORMAÇÃO DE CIDADÃOS AMBIENTAIS	
Ana Christina Konrad Luciana Turatti Margarita Rosa Gaviria Mejía	
DOI 10.22533/at.ed.2171916047	
CAPÍTULO 8	80
BIOÉTICA, BIODIREITO E BIODIVERSIDADE: COMBATE À BIOPIRATARIA	
Ana Carolina de Carvalho Siqueira Rodrigo Dias Paes Magalhães Vanessa Iacomini	
DOI 10.22533/at.ed.2171916048	
CAPÍTULO 9	84
CARACTERIZAÇÃO POLÍTICA E SOCIOECONÔMICA DAS MULHERES DA FEIRA AGROECOLÓGICA E SOLIDÁRIA DO CIRCUITO DE FEIRAS AGROECOLÓGICAS DA REGIÃO DO BAIXO MUNIM, MA	
Ariadne Enes Rocha Giovanna Lemos Medeiros Fabio Pierre Fontenele Pacheco Caroline Sena Cidvânia Andrade de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2171916049	
CAPÍTULO 10	100
COOPERATIVISMO: AS DIFICULDADES ESTRATÉGICAS NA IMPLEMENTAÇÃO DA GESTÃO	
Adriano Dias de Carvalho Rumeninng Abrantes dos Santos Nadia Kassouf Pizzinatto Antonio Carlos Giuliani	
DOI 10.22533/at.ed.21719160410	
CAPÍTULO 11	114
DESAFIO DO GESTOR PÚBLICO EM IMPLANTAR UMA GESTÃO DE RESÍDUOS SÓLIDOS COPARTICIPATIVA QUE CONTRIBUA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	
Marcilene Feitosa Araújo Laize Almeida de Oliveira Gabriel Moraes de Outeiro	
DOI 10.22533/at.ed.21719160411	
CAPÍTULO 12	136
CONCRETO COM INCORPORAÇÃO DE RESÍDUO DE PET	
Lucas Henrique Lozano Dourado de Matos Letícia Martelo Pagoto Mariana Barbosa de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.21719160412	

CAPÍTULO 13	149
DESCRIÇÃO DAS METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS PARA ELABORAÇÃO DE PLANO DE INVESTIMENTO EM TERRITÓRIO RURAL NO ÂMBITO DO PROJETO PRÓ SEMIÁRIDO	
Victor Leonam Aguiar Moraes Emanoel Freitas Amarante José Carlos dos Santos Neri Lizianne de Castro Santos Sergio Luís Amim Carlos Henrique de Souza Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.21719160413	
CAPÍTULO 14	155
DOS EXPERIENCIAS PARA FOMENTAR LA RESPONSABILIDAD HACIA LA SOBERANÍA ALIMENTARIA ENTRE ESTUDIANTES DE JALISCO, MÉXICO	
Nury Galindo Marquina	
DOI 10.22533/at.ed.21719160414	
CAPÍTULO 15	161
ECOTURISMO E DESENVOLVIMENTO DOS MUNICÍPIOS: OBSERVAÇÕES INTRODUTÓRIAS	
Luciana Sanches Ferreira João Adalberto Campato Junior	
DOI 10.22533/at.ed.21719160415	
CAPÍTULO 16	169
E-COMMERCE: LOGÍSTICA DE DISTRIBUIÇÃO E PRINCIPAIS FERRAMENTAS UTILIZADAS	
Ricardo Brandão da Paixão Ricardo Scherrer Tomé Fabio Ytoshi Shibao Mario Roberto dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.21719160416	
CAPÍTULO 17	183
ENSAIO POLÍTICO: A POLIDEZ CLIMÁTICA ATRAVÉS DAS CONFERÊNCIAS DAS PARTES	
Ana Cândida Ferreira Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.21719160417	
CAPÍTULO 18	196
ENRIQUECIMENTO DE QUINTAIS: SEGURANÇA ALIMENTAR E MELHORIA DO BEM-ESTAR FAMILIAR	
Phelipe Silva de Araujo Ariadne Enes Rocha Erik George Santos Vieira Jorge Luiz de Oliveira Fortes Suzzy Ferreira do Nascimento Asafe Mardes de Castro Silva	

DOI 10.22533/at.ed.21719160418

CAPÍTULO 19 212

ESTUDO ETNOBOTÂNICO NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS: UMA AÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE

Evilma Nunes de Araújo Santos
Paulyanne Karlla Araújo Magalhães
Mauricio dos Santos Correia

DOI 10.22533/at.ed.21719160419

CAPÍTULO 20 219

EDUCANDO Á TODOS AO MESMO TEMPO, COLETA DE ÓLEO: UM ESTUDO DE CASO

Yasmin Rodrigues Gomes
Lilian Gama
Tarik Plestch

DOI 10.22533/at.ed.21719160420

CAPÍTULO 21 227

EDUCAÇÃO AMBIENTAL POR MEIO DE PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS DESENVOLVIDAS NO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE ALEGRE-ES

Ingrid Gabriella da Hora Carriço
Mariane Pereira dos Santos Souza
Sâmia D'angelo Alcuri Gobbo

DOI 10.22533/at.ed.21719160421

CAPÍTULO 22 237

GÊNERO, AGROECOLOGIA E ENTIDADES LOCAIS: PARTICIPAÇÃO E AÇÕES NO TERRITÓRIO DO SISAL

Edeilson Brito de Souza
Elisabeth dos Santos Teixeira
Glauciane Pereira dos Santos
Josenilda dos Santos Anunciação
Maíra dos Santos Pinheiro
Maria Auxiliadora dos Santos Freitas

DOI 10.22533/at.ed.21719160422

CAPÍTULO 23 243

GESTÃO AMBIENTAL E CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS: ASPECTOS RELEVANTES PARA A GOVERNANÇA DAS ÁGUAS NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO PIRANHAS-AÇU, NO RIO GRANDE DO NORTE

Marcos Antônio de Oliveira
Erivaldo Moreira Barbosa
Maria de Fátima Nóbrega Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.21719160423

CAPÍTULO 24 260

GESTÃO DE RESÍDUOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL NO MUNICÍPIO DE RONDONÓPOLIS-MT

Anna Luiza Ferrari Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.21719160424

CAPÍTULO 25271

GOVERNANÇA DOS RECURSOS HÍDRICOS NO ESTADO DE RONDÔNIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO PROGESTÃO

Nilda dos Santos

Gleimiria Batista da Costa

DOI 10.22533/at.ed.21719160425

CAPÍTULO 26284

HORTA AGROECOLÓGICA COMO ESPAÇO DIDÁTICO E PROMOÇÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR

Angélica Margarete Magalhães

Samuel Neves Neto

Mariana Justino Masugossa

Victor Oziel Meier Elias

Antonio Augusto Alves Pereira

DOI 10.22533/at.ed.21719160426

CAPÍTULO 27291

PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA E MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA DE JOVENS RURAIS

Ana Rafaela Veloso Pereira

Ariadne Enes Rocha

Marcus Vinicius Nascimento Fontes

Jamires Avelino da Silva

Samara Regina Bezerra

Karlene Fernandes de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.21719160427

CAPÍTULO 28308

SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL: UMA TENTATIVA DA REDUÇÃO DE RESÍDUOS ATRAVÉS DA RECICLAGEM DE ÓLEO DE COZINHA NO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DEL REI - MG

Laísa Santos Magalhães

Luciana Martins Ezequiel Sousa Lima

Diego Germini Villardi

Hélvio de Avelar Teixeira

Angélica Cristiny Ezequiel de Avelar Teixeira

DOI 10.22533/at.ed.21719160428

CAPÍTULO 29320

TECNOLOGIAS SOCIAIS SUSTENTÁVEIS NO AMPARO DE COMUNIDADES ATINGIDAS POR DESASTRES AMBIENTAIS

Jady Rafaela Caitano dos Reis

DOI 10.22533/at.ed.21719160429

CAPÍTULO 30325

TOCOS DIDÁTICOS: SENSIBILIZANDO CIDADÃOS PARA UMA ARBORIZAÇÃO URBANA MAIS SADIA

João Augusto Bagatini

Marco Aurélio Locateli Verdade

Tatiani Roland Szelest

DOI 10.22533/at.ed.21719160430

SOBRE OS ORGANIZADORES..... 342

CARACTERIZAÇÃO POLÍTICA E SOCIOECONÔMICA DAS MULHERES DA FEIRA AGROECOLÓGICA E SOLIDÁRIA DO CIRCUITO DE FEIRAS AGROECOLÓGICAS DA REGIÃO DO BAIXO MUNIM, MA

Ariadne Enes Rocha

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA),
Departamento de Fitotecnia e Fitossanidade
São Luís – MA

Giovanna Lemos Medeiros

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA),
Curso de Agronomia
São Luís – MA

Fabio Pierre Fontenele Pacheco

Associação Agroecológica Tijupá,
São Luís - MA

Caroline Sena

Associação Agroecológica Tijupá,
São Luís - MA

Cidvânia Andrade de Oliveira

Associação Agroecológica Tijupá,
São Luís - MA

RESUMO: A presença das mulheres no campo é uma realidade no Brasil, as triplas jornadas de trabalho que elas realizam, não são reconhecidas porque, o sistema capitalista em que estamos inseridas, é patriarcal. O fato dessas mulheres residirem em áreas rurais, não as exclui ou diminuem as possibilidades de viverem dia a dia com a opressão. O objetivo foi caracterizar o nível de organicidade na política e o reconhecimento do trabalho das mulheres da feira agroecológica e solidária do circuito de feiras agroecológicas do Baixo

Munim, MA. O estudo apontou que o circuito de feiras é importante para a vida das feirantes, pois proporciona renda extra, satisfação, aprendizado e a construção de novos valores nessas mulheres, além do papel das feiras agroecológicas, de promover uma alimentação saudável para a mesa da(o) consumidora(o), livre de agrotóxicos.

PALAVRAS-CHAVE: agroecologia; economia solidária; Tijupá

ABSTRACT: The presence of women on the countryside is a reality in Brazil, the triple working areas that they are submitted to, not usually recognized. The main reason is the patriarchy of the capitalist system in which we are in. The fact that these women live in rural areas, doesn't exclude them from the possibility of being oppressed, as a matter of fact. The objective had as a theme the political and socioeconomical characterization of the marketer women from the Baixo Munim area - in the State of Maranhão. The main objective was characterize the political organicity level and the recognition of the work of women on the Agroecological & Solidarity Fair of the Circuit of Agroecological Fairs from Baixo Munim. The results also show that dry flour and water flour are the most marketed products. The study points that the Fairs Circuit is important for the life of these marketers, Because it provides

extra income, satisfaction, learning and the construction of new values in these women, besides the role of agroecological fairs, to promote a healthy diet for the consumer's table, free of pesticides.

KEYWORDS: agroecology; Solitariness economy, Tijupá

1 | INTRODUÇÃO

O aparecimento dos movimentos de mulheres rurais remonta aos anos 1980 no Brasil, com as primeiras manifestações por seu direito à sindicalização de forma independente de pais, irmãos e maridos. Movimentos feministas urbanos reivindicavam direitos para as mulheres; ecos dessas questões chegariam às mulheres rurais, que se organizavam em grupos, com o apoio de setores das igrejas progressistas (SILIPRANDI, 2010).

Dentro dos movimentos rurais mistos, prevendo a participação de homens e mulheres, não havia a atenção necessária aos problemas específicos das mulheres, fazendo com que as lideranças femininas decidissem montar movimentos autônomos (SALES, 2007).

As mulheres rurais foram conquistando seu espaço, primeiro buscando reconhecimento como trabalhadoras rurais. Hoje com outras pautas, que se fazem necessárias para a emancipação e empoderamento das mesmas.

A questão de gênero no campo, não pode ser vista como pauta de mulher, deve ser discutida no campo, nas associações organizativas, nas empresas, nas universidades.

O objetivo deste trabalho foi caracterizar o nível de organicidade na política e o reconhecimento do trabalho das mulheres da feira agroecológica e solidária do circuito de feiras agroecológicas do Baixo Munim.

2 | METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em São Luís—MA, no circuito de feiras agroecológicas do Baixo Munim e contou com o apoio técnico de estudantes do curso de Agronomia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e técnicos da Associação Agroecológica Tijupá.

O Circuito de Feiras Agroecológicas do Baixo Munim tem como objetivo, a partir de sua atuação em rede, ampliar o alcance econômico e educativo das feiras agroecológicas da Região do Baixo Munim, junto aos agricultores/as-feirantes partícipes e consumidores/as locais, a partir da ação em rede que possibilite a construção do conhecimento agroecológico e econômico-solidário, valorizando as práticas e saberes da agricultura familiar, os produtos da sociobiodiversidade, os princípios e práticas do comércio justo e solidário, o trabalho feminino e a segurança alimentar e nutricional.

O projeto foi executado através de questionário semi- estruturado em pelo menos 30% nas feirantes atuantes nas feiras por município. A amostragem totalizada da pesquisa compreenderam 28 mulheres, participantes de quatro feiras do circuito.



Figura 1. Aplicação dos questionários com feirantes do Circuito de Feiras Agroecológicas do Baixo Munim, Maranhão

Fonte: MEDEIROS (2016).

Os questionários aplicados nas quatro feiras contaram com a participação dos seguintes municípios: Morros (11), Cachoeira Grande (9), Rosário (8). As entrevistas foram realizadas com as mulheres no momento em que aconteciam as feiras. O questionário foi dividido em vários aspectos, que continha a identificação das feirantes, aspectos pessoais, profissionalizantes e econômicos.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Caracterização do grupo familiar

Foram estudadas 28 famílias da região Lençóis Munim, sendo 11 famílias (39,28 %) do Município de Morros, 9 famílias (32,21 %) do município de Rosário e 8 famílias (28,57 %) do município de Cachoeira Grande. As comunidades do município de Rosário que participaram da pesquisa foram: Assentamento Bom Jesus 3; Cajazal; São João do Rosário; Tigidor; Igarapé Grande. Do município de Cachoeira Grande: Água Azul; Três Antas; Paranã; Compínio. Município de Morros: Buritizal dos Reis; Patizal; Mirinzal 2; Centro do Arajá; Recurso. Envolvendo um total de 142 pessoas. O tamanho médio das famílias é de cinco pessoas, com variação entre 2 e 11 pessoas.

A população em relação ao gênero é equilibrada, num total de 142 pessoas (100 %) da população, 72 (50,7 %) são mulheres e 70 (49,3 %) correspondem ao sexo masculino.

Apesar de do número de mulheres ser um pouco mais alto, elas enfrentaram e enfrentam muitos preconceitos. Segundo Siqueira (2014), as mulheres enfrentam preconceito, discriminação e uma série de barreiras, desde os próprios medos e inseguranças em sair da área doméstica, dos arredores da casa, do espaço privado de seu total conhecimento, para se arriscar em atividades de gestão administrativa e financeira, antes reduto exclusivo dos homens, mesmo tendo que “desobedecer” a seus maridos para participarem de capacitações e reuniões. Este é um grande desafio para estas mulheres agricultoras, nordestinas, de baixa renda, de pouca escolaridade, formadas culturalmente para serem do lar, subordinadas aos seus pais e maridos.

Das mulheres que responderam aos questionários, 11 (39,28 %) possuem famílias, mas não são casadas, e denominam a pessoa com quem vivem de companheiros; 8 mulheres (28,57 %) são casadas, 8 (28,57 %) solteiras e apenas 1 (03,57 %) é viúva (Figura 2).

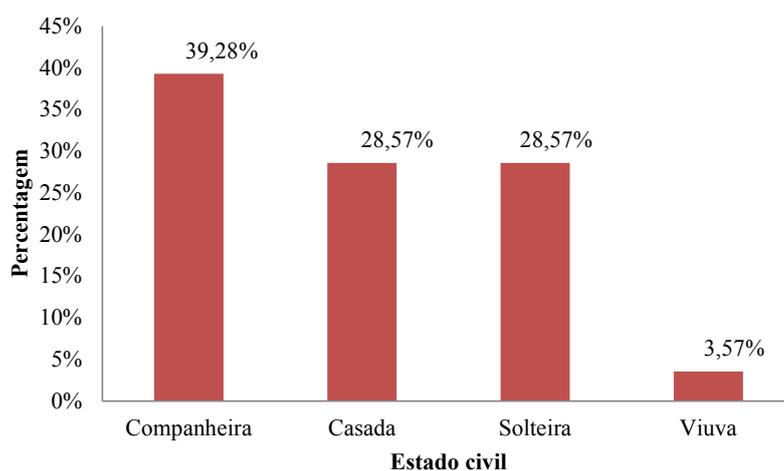


Figura 2. Percentual de mulheres feirantes amostradas por estado civil, Circuito de Feiras Agroecológicas

Fonte: MEDEIROS (2016).

O fato de que as mulheres solteiras já trabalham na feira, mostra que se um dia, decidirem e quiserem formar família e/ou se casar, elas já possuem certa independência financeira. Isso muda a forma com que essa mulher se relaciona.

As mulheres feirantes que são casadas, ou possuem companheiros possuem a renda extra da feira, as tornando de certa forma, minimamente independentes, pois usufruem da sua própria força de trabalho.

Com relação à distribuição etária, observamos que a maior parte da população 59 pessoas (41,55 % do total) é adulta (19 a 59 anos); 59 (29,58 %) são jovens (12 a 18 anos); 35 pessoas (24,64 %) são crianças (0 a 11 anos). Há um pequeno número de idosos (com idade maior que 60 anos) representando 4,23 % da população

entrevistada (6 pessoas) (Figura 3).

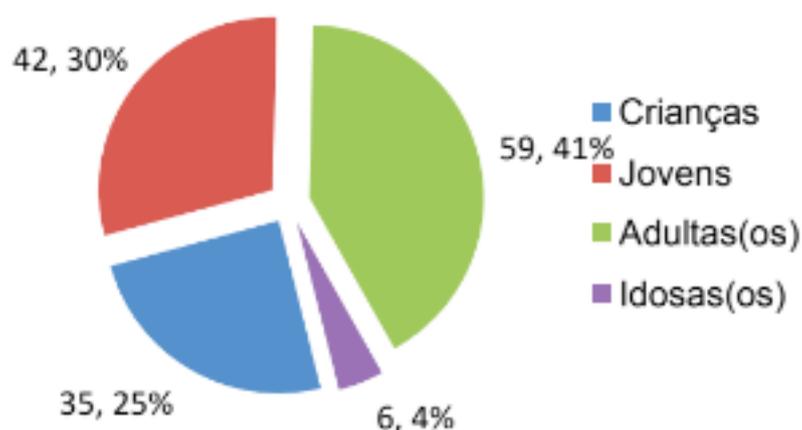


Figura 3. Distribuição por faixa etária do grupo familiar das mulheres entrevistadas, Circuito de Feiras Agroecológicas

Fonte: MEDEIROS (2016).

Pelos valores obtidos através dos questionários, percebe-se que as(os) jovens, pelos menos na região do Baixo Munim, não tem saído da vida rural, permanecendo no campo, apesar dos “encantos” que a vida urbana oferece. Isso pode ser explicado pela relação que as(os) jovens possuem com a terra, pois a maioria já “ajudam” nas atividades do campo, quando não estão estudando.

O nível de escolaridade de todo o núcleo familiar é predominantemente o ensino fundamental, considerado como ensino básico no Brasil, correspondendo há 105 pessoas (73,94 %) da população. No ensino infantil, apenas 3 pessoas (2,11 %) – consideradas ainda crianças; 28 pessoas (19,71 %) cursaram ou estão cursando o ensino médio; 1 pessoa (0,72 %) o ensino técnico; 2 pessoas (1,40%) o ensino superior, geralmente tendo que se deslocar do local onde vivem, para uma cidade maior onde há faculdades/universidades; E apenas 3 pessoas (2,11 %) analfabetas (Figura 4).

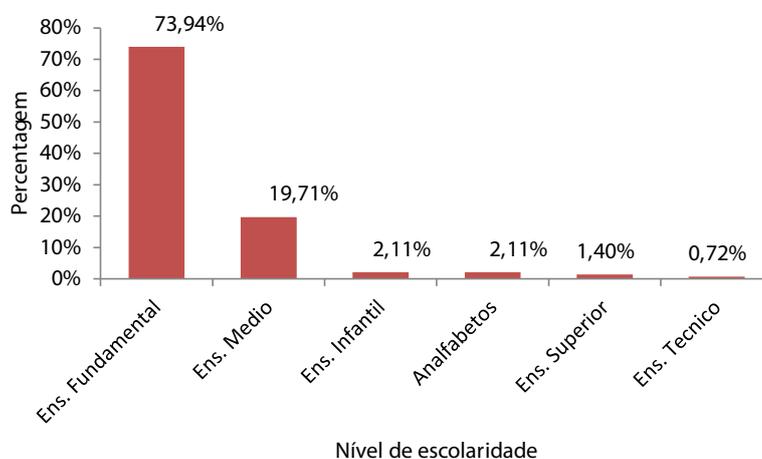


Figura 4. Nível de escolaridade dos moradores da Região do Baixo Munim do grupo familiar das feirantes do Circuito de Feiras Agroecológicas

Fonte: MEDEIROS (2016).

O baixo nível de escolaridade, explica o trabalho nas feiras e no campo, pois as pessoas não conseguem se inserir no mercado competitivo de trabalho, sendo essa a única de fonte de sobrevivência. Crianças de 0 a 4 anos não foram contabilizadas como analfabetas, para essa contagem, entraram apenas jovens, adultos e idosos.

As pessoas residentes na região possuem ocupações diversas, considerando o núcleo familiar total, com 142 pessoas (100 %), 15 pessoas, correspondendo a 10,56 % são unicamente estudantes; 59 pessoas (41,54 %) são agricultoras e agricultores; 7 pessoas (04,92 %) são pescadoras/agricultoras; 54 pessoas (38,02 %) são estudantes e agricultoras – o que quer dizer que as(os) jovens estão presentes no campo, considerado pelos pais como uma ajuda extra; apenas 1 pessoa (0,75 %) é considerada pedreiro/agricultor; 2 pessoas (01,4 %) tem outro tipo de trabalho; e 4 pessoas (02,8 %) não trabalham de forma alguma, sendo essas pessoas consideradas crianças e idosos(os) no geral (Figura 5).

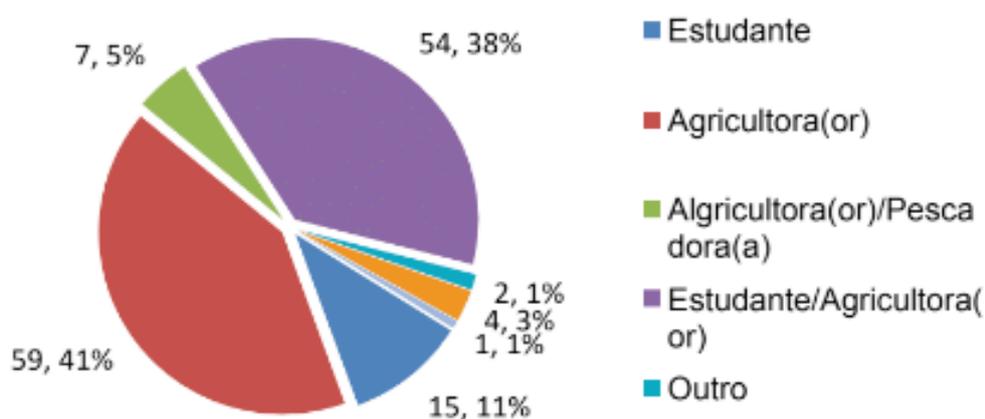


Figura 5. Ocupação das(os) moradoras(es) da Região do Baixo Munim do grupo familiar das feirantes do Circuito de Feiras Agroecológicas

Fonte: MEDEIROS (2016).

Há atividades exclusivas, que são definidas pelo gênero ou faixa etária, como por exemplo, o trabalho de etiquetar e embalar os produtos da feira, que são realizados majoritariamente por mulheres e as(os) filhas(os). No caso da etiquetagem e embalagem, os homens quase nunca participam, pois é considerado como um trabalho leve onde as crianças e as mulheres são capazes de realizar.

Segundo Burg (2005) Todas as sociedades designam tarefas diferentes aos homens e às mulheres, constituindo o que se chama de divisão sexual do trabalho. Na maioria das culturas tanto o homem quanto a mulher realizam trabalhos produtivos, mas este está dividido em trabalhos correspondentes ao homem (arar, trabalhar com máquinas, entre outros) e à mulher (plantar, colher, entre outros). Entretanto, as mulheres também são responsáveis pelo trabalho reprodutivo, que corresponde a cozinhar, lavar, limpar, cuidar das crianças, atender doentes, ou seja, reproduzir e

manter a força de trabalho.

O trabalho no campo é considerado um trabalho exclusivo dos homens, e mesmo que essas atividades sejam realizadas pelas mulheres dia após dia, elas são consideradas apenas como “ajuda”. Em algumas situações, geralmente no roçado, as mulheres não participam, pois é considerado um trabalho “mais pesado”. A horta, e os serviços gerais realizados em casa, são considerados trabalho “mais leves” sendo de responsabilidade das mulheres e às vezes das(os) jovens.

Nos questionários aplicados foram questionadas 28 mulheres (100 %), sobre quem elas consideram como chefe de família da residência (Figura 6).

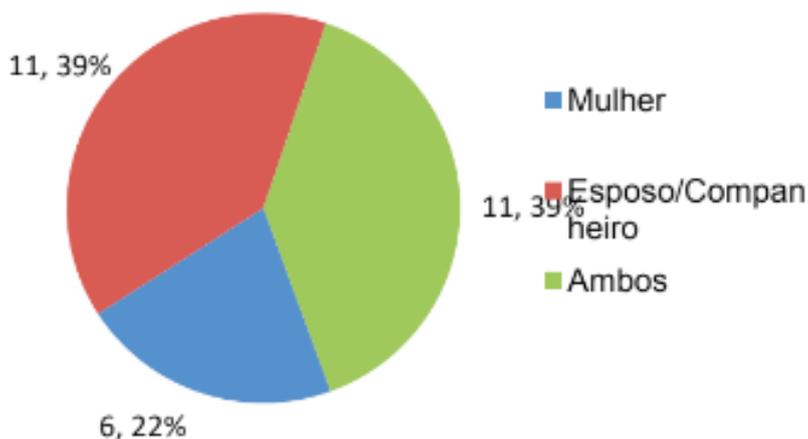


Figura 6. Identificação do chefe de família segundo as feirantes do Circuito de Feiras Agroecológicas

Fonte: MEDEIROS (2016).

Dessas mulheres, apenas 6 (21, 42 %) responderam que se consideram como chefe de família; 11 mulheres (39,28 %) consideram seus esposos/companheiros como chefe de família; e 11 mulheres (39,28 %) responderam que consideram que ambos são chefes da família.

É possível perceber, que muitas feirantes já são capazes de se enxergar como importantes dentro do núcleo familiar, mesmo quando consideram que ambos são chefes da família. Elas já se reconhecem como sendo responsáveis por decidir o futuro da família

Alguns motivos justificaram a resposta das mulheres em relação a quem era considerada(o) chefe da família. Dessa forma, 4 mulheres (14,28 %) disseram que consideram os esposos/companheiros chefes de família por conta do gênero, pois pelo sexo ele tem a “responsabilidade” de governar a casa; 7 mulheres (25 %) disseram que o que justifica a sua resposta era a renda recebida pela pessoa considerada chefe de família (podendo inclusive ser ela nas respostas); 7 mulheres (25 %) acham que o determina quem deve ou não ser o chefe de família é a pessoa que trabalha na roça, nesse caso, geralmente quando a mulher considera o homem como chefe, mesmo ela exercendo o mesmo trabalho em campo; 7 mulheres (25 %) disseram que consideram que ambos são chefes de família pois tomam as decisões juntos, mantendo diálogo,

dividindo tarefas e responsabilidades; e 3 mulheres, correspondendo há 10,71 % disseram que são outros motivos que justificam a resposta, como quem criou as(os) filhas(os) (Figura 7).

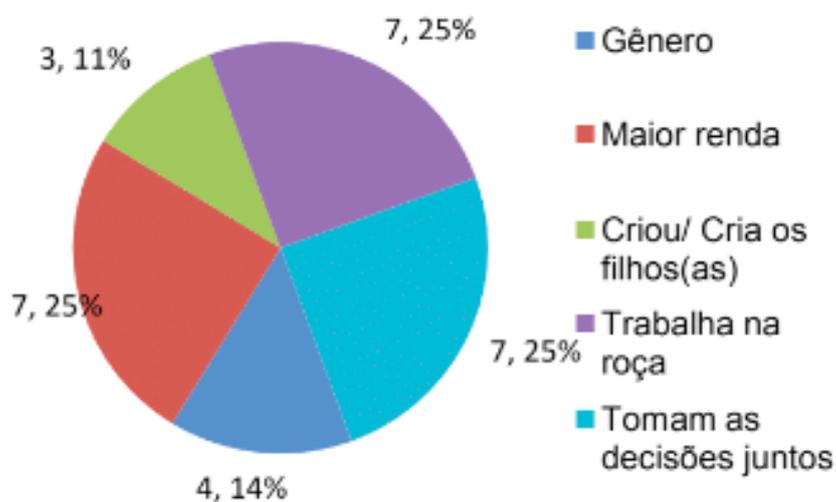


Figura 7. Motivos que justificaram a resposta das feirantes do Circuito de Feiras Agroecológicas sobre quem era considerada(o) chefe de família.

Fonte: MEDEIROS (2016).

O equilíbrio nos índices sobre o que motivou essas respostas mostra que o trabalho na roça ainda é bastante valorizado no campo, apesar de que às vezes as mulheres trabalham no campo e na esfera doméstica, com mais de uma jornada de trabalho. O gênero ter sido levado menos em consideração que as outras opções, como renda mais alta ou o casal fazer as decisões juntos, mostra que minimamente, alguns paradigmas vêm sendo quebrados, pois hoje as mulheres já são capazes de reconhecer que isso não é determinante para exercer papéis sócias. Algumas mulheres entrevistadas, relataram que não fazia sentido o esposo/companheiro ser considerado chefe de família, se tanto ela como ele trabalhavam e sustentavam a família.

A participação das mulheres (28 no total, correspondendo a 100 %) em sindicatos, cooperativas e associações foram de: 15 mulheres (53,57 %) participam de associações; 2 mulheres (7,16 %) participam de cooperativas; 3 mulheres (10,71 %) são sindicalizadas; 6 mulheres (21,42 %) participam tanto de associação como de sindicatos; 1 mulher (3,57 %) participa tanto de associação, cooperativa e sindicato; e 1 mulher (3,57 %) não participa de nenhum (Figura 8).

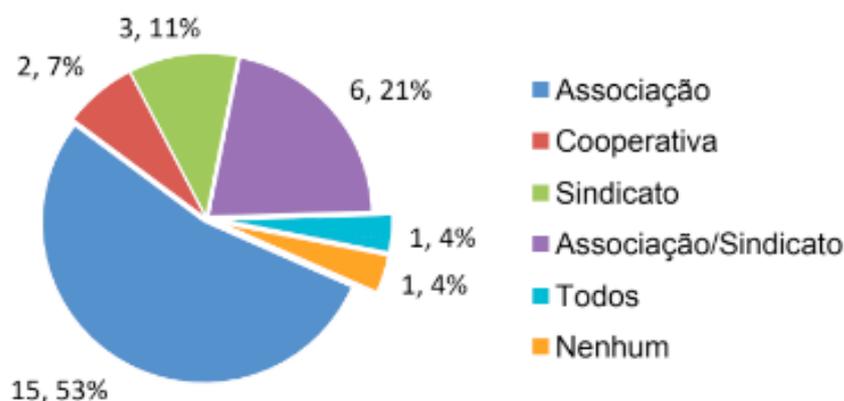


Figura 8. Participação das feirantes do Circuito de Feiras Agroecológicas em associações, sindicatos e cooperativas.

Fonte: MEDEIROS (2016).

Segundo Rodrigues (2005), o é fundamental a participação de mulheres e homens em todas as atividades (inclusive nas decisões do movimento) para o cooperativismo do futuro, é necessário que haja a criação e uma nova “cultura”, que ensine aos homens o quanto a participação das mulheres nesse processo e que a qualificação delas para o mercado de trabalho é importante.

É notável o crescimento e a participação de mulheres em movimentos organizacionais como as associações, por exemplo. Com isso, é fato afirmar que a maioria das mulheres que participam do circuito de feiras possuem minimamente uma consciência política, seja ela no que diz respeito ao direito à terra, agroecologia ou política governamental. A participação dessas mulheres em ambientes decisórios, onde se permite discutir pautas sobre a necessidade do meio onde estão inseridas, faz com que elas participem do que está sendo decidido, e se isso é bom para elas e para a necessidade das mesmas. Assim, a inserção das feirantes nesses locais é importante para que entendam que as pautas delas também são importantes e devem ser ouvidas.

Evidencia-se que o engajamento das mulheres é um processo em andamento e que deve ter efeitos internos às organizações profissionais e na relação destas entidades com a rede com que se articulam. O tratamento ao público com os sindicatos, as formas de mobilização e manifestações, os pontos de pauta nas discussões e nas negociações devem incorporar as necessidades e demandas criadas pela perspectiva das mulheres. Da mesma forma que está em cursos a entrada formal das mulheres na vida associativa, está em andamento um novo modelo de associativismo (AMARAL, 2008).

3.2 Caracterização do trabalho das mulheres no Circuito de Feiras Agroecológicas

No trabalho realizado, constatamos que a maioria das mulheres já participam da feira há aproximadamente 2 anos, correspondendo à 10 mulheres (35,71 %); nesse sentido, 5 mulheres (17,85 %) participam há aproximadamente 1 ano; 1 mulher (3,57

%) participa há um ano; 3 mulheres (10,71 %) responderam que participam há 2 anos; e 9 mulheres (32,14 %) participam há mais de 2 anos. A participação dessas mulheres na feira varia um pouco, pois algumas participam das feiras não só em São Luís, mas também nas regiões na qual residem (Figura 9)..

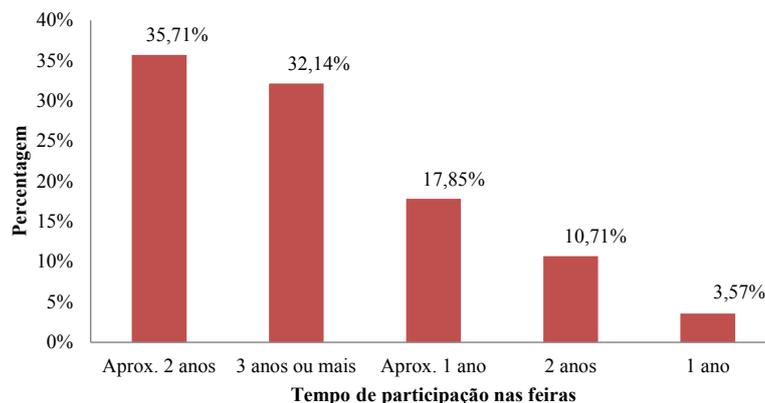


Figura 9. Quantidade de tempo em que as mulheres do Baixo Munim participam das feiras do Circuito de Feiras Agroecológicas

Fonte: MEDEIROS (2016).

Dessa forma, 12 mulheres (42,8 %), das 28 entrevistadas, vão às feiras 1 vez ao mês; 11 (39,2 %) dessas mulheres, vão às feiras 2 vezes ao mês; e 5 mulheres (17,85 %) vão 3 vezes ou mais (Figura 10).

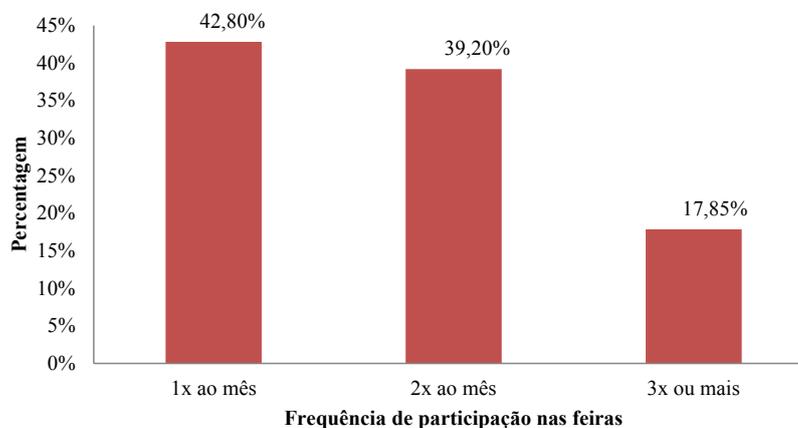


Figura 10. Frequência que as mulheres das feiras do Circuito de Feiras Agroecológicas

Fonte: MEDEIROS (2016).

A maioria das mulheres participa do Circuito de Feiras há mais de um ano, isso mostra que apesar das dificuldades enfrentadas, elas não consideram a hipótese de parar com esse trabalho, pelo contrário, é perceptível a vontade de que possam melhorar cada vez mais, buscando incentivos uma nas outras e tentando aprimorar novas técnicas como a inserção de novos produtos.

A capacitação ou treinamento referentes ao trabalho nas feiras foram oferecidos a algumas mulheres, normalmente oferecido pela Associação Tijupá. As mulheres

que não receberam nenhum tipo de capacitação geralmente possuem parentes que receberam, pois algumas delas revezam as idas às feiras ou entraram na feira recentemente.

As mulheres (82,14 %) afirmam que os treinamentos oferecidos foram no sentido da etiquetagem, embalagem, produção e doces, e forma de como tratar o cliente, numa relação comerciante e cliente. As feirantes consideram os treinamentos e capacitações oferecidos muito importantes, pois foram através deles que elas se sentiram capazes de realizar os trabalhos individualmente. Elas contam que no começo, precisavam da ajuda das(os) técnicas(os) da Tijupá, mas que hoje são capazes de realizar sozinhas esses trabalhos.

3.3 A feira como transformação das relações interpessoais das mulheres da Região Baixo Munim

A feira transformou e transforma a vida dessas mulheres de muitas formas, uma delas é a renda que as feirantes conseguem tirar. As feirantes contam que a renda antes da feira era menor, e que geralmente os produtos que tinham no quintal e na roça estragavam, pois não tinham como comercializar, pois na região, a maioria produz as mesmas coisas. Além do mais, algumas mulheres contam que tinham que se submeter aos atravessadores, que compravam os produtos mais baratos e elas não obtinham lucro algum. Às vezes, o que dava pra comercializar era a farinha, e algumas mulheres sobreviviam da pesca, como algumas mulheres da região de Rosário.

“Ah minha filha, a gente tinha que se virar. Eu fazia diária na casa de algumas pessoas pra ajudar em casa. Agora é diferente, eu trabalho dentro de casa e consigo tirar um dinheiro a mais...”

As feirantes contam ainda que, a renda extra da feira, da pra comprar coisas que antes elas não tinham perspectiva de comprar, como por exemplo roupas melhores para suas(seus) filhas(os), material escolar, e até mesmo cosméticos de beleza.

Elas também afirmam que gostam mais da feira que vem pra São Luís, na praça Deodoro, pois mesmo que seja apenas uma vez por mês, a venda é maior que na região.

A renda mensal média da família foi de R\$ 479,67, somado programas governamentais como Bolsa Família e PNAE que a maioria das famílias recebem e trabalhos como a pesca, variando de 150 R\$ a 1000 R\$.

A renda média da feira é de R\$ 203,57 por família, o que corresponde a 42,44% da renda familiar, variando de 100 R\$ a 500 R\$. Dessa forma, percebe-se que o lucro proveniente da feira, é fundamental para a complementação da renda mensal das famílias do Baixo Munim.

O reconhecimento do trabalho dessas mulheres como feirantes é reconhecido por sua família, das 28 mulheres que responderam a pergunta sobre o reconhecimento

de seu trabalho no núcleo familiar, 28 deram resposta positiva. As feirantes contam que no início, alguns companheiros/esposos não apoiavam a participação delas nas feiras, mas após a experiência e as respostas positivas, hoje todos apoiam e ajudam para que as mulheres possam estar presentes nas feiras.

A participação dessas mulheres nas feiras mudou a forma de como essas mulheres se relacionam. Algumas feirantes dizem que a feira mudou completamente suas vidas. Antes elas além de não ter uma renda, não saiam de casa, não se relacionavam com muitas pessoas. Uma das grandes mudanças que a feira proporcionou na vida dessas mulheres, foi a desconstrução de alguns valores e a construção de novos. Elas se sentiam incapazes, e algumas dizem que não sabiam nem conversar. Agora, elas fazem novas amizades, conhecem pessoas novas, se sentem mais independentes, estreitam laços. A feira transformou os valores dessas mulheres, hoje, a autoconfiança das mesmas faz com que elas se sintam capazes de tomar decisões, de fazer escolhas, coisas que há algum tempo atrás eram improváveis para a realidade dessas feirantes.

3.4 Produtos comercializados nas feiras e participação em Programas Governamentais

Os produtos comercializados no Circuito de Feiras Agroecológicas em São Luís são diversificados, as feirantes alternam os produtos de acordo com a produção e a disponibilidade de transporte (Figura 11).

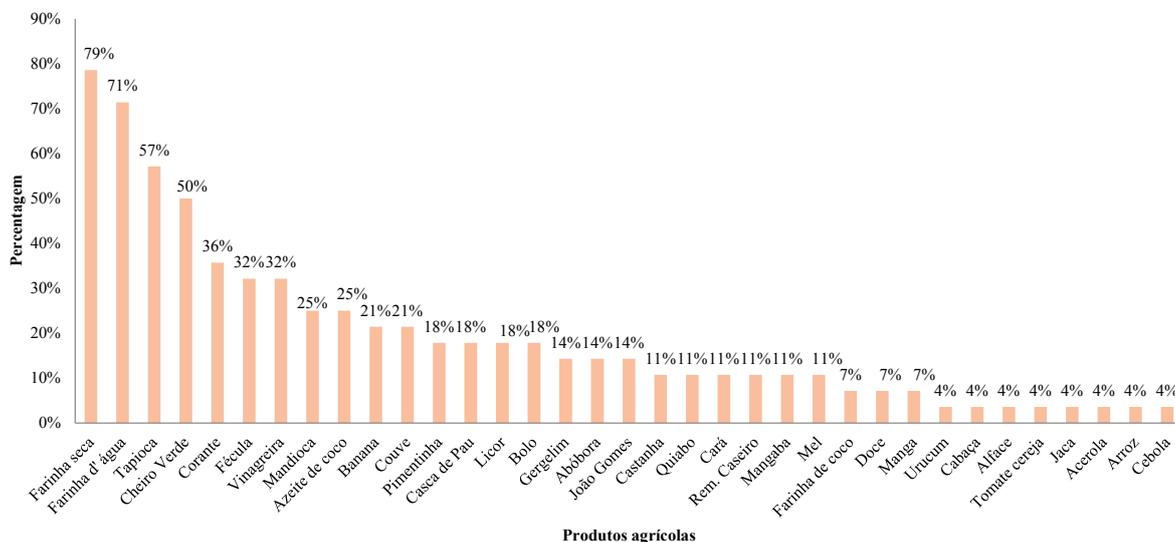


Figura 11. Produtos comercializados pelas feirantes Circuito de Feiras Agroecológicas

Fonte: MEDEIROS (2016).

Apesar da diversidade de produtos, não há diversidade na comercialização, pois alguns produtos são mais comercializados que outros, como a farinha seca, comercializada por 22 mulheres (79 %), a farinha d'água, comercializada por 20 mulheres (71 %), a tapioca, comercializada por 16 mulheres (57 %) e o cheiro verde, comercializado por 14 mulheres (50 %). Há produtos pouco comercializados, como por

exemplo, as hortaliças. Apenas 4 % das feirantes comercializam alface, jaca, tomate cereja, urucum, cabaça, arroz, cebola e acerola correspondendo há apenas 1 mulher por produto. Poucas feirantes trabalham com as especiarias, como licores e bolos.

Apesar de terem recebido treinamento e capacitação na produção de doces, somente 2 (7 %) das 28 mulheres entrevistadas produzem e comercializam a especiaria. O fato de haver uma pequena diversidade na hora da comercialização pode ser um fator que acarrete na impopularidade do circuito de feiras que acontecem na cidade de São Luís.

A comercialização das farinhas em quase todas as bancas pode ser um fator limitante para as vendas, pois quando dão preferência para levar um produto para feira, outros produtos são deixados para trás, já que dependem de um carro que faça o transporte. Dessa forma, é necessário que haja uma rotatividade desses produtos, pois apesar da diversidade, a quantidade de alguns é pouca, como a acerola e a de outros são muitos, como já foi falado da farinha.

Os produtos comercializados na feira são provenientes da roça (14,29 %), da roça/quintal (71,43 %) e da roça/SAF (Sistema Agroflorestal)/quintal (14,29 %). (Figura 12).

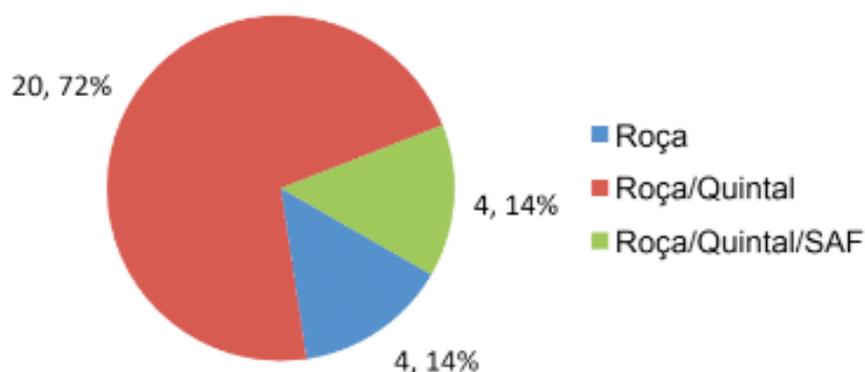


Figura 12. Origem dos produtos comercializados pelas feirantes do Circuito de Feiras Agroecológicas

Fonte: MEDEIROS (2016).

Os dados mostram que o quintal ou o Sistema Agroflorestal não conseguem separadamente, promover a produção do que é comercializado nas feiras, necessitando assim, que um complemente o outro, para que minimamente exista a diversificação de produtos. Segundo as pesquisas realizadas através dos questionários, na roça há um potencial maior para o que diz respeito a produção para a feira. Porém isso não quer dizer que o quintal ou SAF não tenham essa capacidade se forem trabalhados separadamente.

A participação das mulheres em programas Governamentais são evidentes, apesar das dificuldades enfrentadas, relatadas por elas. Das 28 mulheres, 17 mulheres (60,71 %) participam do PNAE, e 11 mulheres (39,29 %) não participam de nenhum programa.

Segundos dados do Governo do Estado do Maranhão, o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) tem sido um “sucesso” no estado, pois o Maranhão é o primeiro estado no ranking de execução do programa. Ainda assim, quando foi questionado sobre a participação das mulheres nesse programa, muitas delas não sabiam da existência do mesmo.

O PNAE trouxe melhorias para a vida das feirantes que aderem o programa. Algumas relatam que a renda extra que é oferecida é um dinheiro rápido e que proporcionou a aquisição de eletrodomésticos e meios de transporte. A saída rápida de produtos também é uma vantagem, pois evita que se estraguem como acontecia antes do programa e da feira. Por ter um retorno rápido, quando se fala na renda extra oferecida, o PNAE facilita o pagamento de energia e água, como relatam algumas mulheres.

A necessidade de eletrodomésticos é essencial para a vida dessas mulheres, pois podem conservar por mais tempos os produtos que serão comercializados nas feiras, possibilitando a produção de bolos e doces. Não só nesse aspecto, a presença de eletrodomésticos dentro de casa, promove certo conforto e bem estar.

Os meios de transporte em áreas rurais são importantes para a locomoção de quem trabalha no campo. É um meio de levar os produtos para a comercialização nas feiras da região, para o deslocamento até cidades e comunidades mais próximas, facilitando as vendas. O meio de transporte traz de certa forma também o conforto e o bem estar para quem mora em áreas onde o acesso é difícil a hospitais e escolas.

Do circuito de feiras do Baixo Munim, 21 das mulheres (75 %) se consideram economicamente autônomas e afirmam que a feira foi responsável para essa autonomia, pois agora elas também sustentavam a casa e não precisavam mais pedir dinheiro para os companheiros/esposos.

Com a feira elas foram capazes de não só aumentar a renda da casa, mas também de oferecer certo conforto às suas vontades, fortalecendo a autoconfiança dessas mulheres. As feirantes que não se consideram economicamente autônomas, 7 mulheres (25 %) acreditam que ainda não são capazes de se sustentar sozinhas, mas que a feira é um caminho para que isso um dia aconteça e que há um grande caminho pela frente. Todas as mulheres foram capazes de reconhecer a feira como uma ferramenta para a autonomia financeira, mesmo que a mesma ainda não tenha acontecido.

4 | CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na região do Baixo Munim as mulheres são maioria como feirante das Feiras Agroecológicas do Circuito de Feiras da Região do Baixo Munim.

A participação nas feiras pode ser entendida não só como aumento de renda familiar, mas como forma de construir novas relações, valores e aprendizados.

Participando do circuito de feiras há pelo menos um ano, as mulheres acreditam que os aprendizados obtidos foram fundamentais, não só no que diz respeito ao trabalho na feira, pois houve capacitação para esse trabalho específico, inclusive na produção de doces, oferecidos pela Associação Agroecológica Tijupá, mas para aprendizados sobre relações interpessoais e até mesmo sobre sua autonomia enquanto mulher. Além disso, elas consideram um trabalho importante, alimentar a cidade de São Luís com produtos livres de agrotóxicos.

A diversificação do que é vendido no circuito de feiras, é fundamental para o crescimento das feiras, pois se poucos produtos são oferecidos, é mais cômodo para a comunidade buscar em um local onde todos eles sejam oferecidos, mesmo que mais caros.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Waldiléia Rendeiro da Silva. **Mulheres rurais do Pará: Participação nos Sindicatos de Trabalhadores Rurais**. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder, agosto, 2008.

BARBOSA, Viviane de Oliveira. **MULHERES DO BABAÇU: Gênero, Maternalismo e Movimentos Sociais no Maranhão**, 2013.

BARBOSA, Viviane de Oliveira. **Participação Feminina e Resistência Camponesa no Maranhão no Século XX**. MULHERES CAMPONESAS trabalho produtivo e engajamentos políticos, 2013.

BURG, Ines Claudete; **AS MULHERES AGRICULTORAS NA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA E NA COMERCIALIZAÇÃO EM FEIRAS NO SUDOESTE PARANAENSE**, 2005.

CARNEIRO, Maria José. **Mulheres no campo: notas sobre sua participação política e a condição social do gênero**, 2013.

ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite. Ruídos com marcas de tangressões ancoradas em mulheres assentadas. In: LOPES, Adriana L.; BUTTO, Andrea (Orgs.). **Mulheres na reforma agrária: a experiência recente no Brasil**. Brasília: MDA, 2008 p. 185-216.

ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite. **O protagonismo Político de Mulheres Rurais por seu Reconhecimento Econômico Social**. MULHERES CAMPONESAS trabalho produtivo e engajamentos políticos, 2013.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta; DUVAL, Henrique Carmona; BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira; BOLFE, Ana Paula Fraga. **NA TRAGETÓRIA DOS ASSENTAMENTOS RURAIS: Mulheres, Organização e Diversificação**. MULHERES CAMPONESAS, trabalho produtivo e engajamentos políticos, 2013.

FURLIN, Neiva. **A PERSPECTIVA DE GÊNERO DO MST: Um Estudo Sobre o Discurso e as Práticas de Participação das Mulheres**. MULHERES CAMPONESAS trabalho produtivo e engajamentos políticos, 2013.

GASPARETO, Sirlei A. K.; MENEZES, Marilda A. **As Jovens dos Movimentos de Mulheres CAMPONESAS (mmc) em Santa Catarina**. MULHERES CAMPONESAS trabalho produtivo e engajamentos políticos, 2013.

KLEBA, Maria Elisabeth. **Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política**. Saúde Soc., São Paulo, v. 18, n. 4, p. 733-743,

MICHELIN, Maria Júlia; ALVES, Eliane; JALIL, Laeticia; MARTINS, Kelle; MOURA, Gerlúcio; **A participação das mulheres na feira agroecológica de Santa Cruz da Baixa Verde**, 2011.

MPA/Brasil. Direção Nacional do Movimento dos Pequenos Agricultores. **MULHERES CAMPONESAS** trabalho produtivo e engajamentos políticos. 2003. 6p.

MST, *site* institucional. Disponível em: www.mst.org.br/mstsp/sgen.htm. Acesso em: set.2016.

PIERRI, Maria Clara Maurício Queiroz; **A FEIRA LIVRE COMO CANAL DE COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS DA AGRICULTURA FAMILIAR**, 2010.

SALES, Celecina Maria Veras. **MULHERES RURAIS: TECENDO NOVAS RELAÇÕES E RECONHECENDO DIREITOS**, 2007.

SANTOS, Margarete Silva dos; FERREIRA, Daíse de Jesus; SANTOS, Rosângela Leal; **A FEIRA LIVRE COMO ALTERNATIVA DE GERAÇÃO DE RENDA PARA AGRICULTURA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE SANTO ESTEVÃO- BA**, 2014.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres agricultoras no Brasil: sujeitos políticos na luta por soberania e segurança alimentar**, 2010.

SILVA, Joice de Souza Freitas; GOMES, Amiralva Ferraz; SANTOS, Adilson Almeida dos; SANTANA, Wesley Gusmão Piau; CHAVES, Adler Moreira; PIAU, Danielle Dias Neves. **Relações de Gênero no Mundo do Trabalho: um estudo com mulheres feirantes no interior da Bahia**, 2014.

SILVA, Idelma Santiago. **GÊNERO E MOVIMENTO SOCIAL DO CAMPO: Narrativas de mulheres dirigentes do Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais no sudeste do Pará**, 2016.

SIQUEIRA, Ana Elizabeth Silveira de; **EMPODERAMENTO DE MULHERES AGRICULTORAS: POSSIBILIDADES E LIMITES DE UM PROJETO DE DESENVOLVIMENTO RURAL NO SEMIÁRIDO BAIANO**, 2014.

WEDING, Josiane Carine; MENASHE, Renata. **PRÁTICAS ALIMENTARES ENTRE CAMPONESES: Expressão de Relações Familiares e de Gênero. MULHERES CAMPONESAS** trabalho produtivo e engajamentos políticos, 2013.

SOBRE OS ORGANIZADORES

TAYRONNE DE ALMEIDA RODRIGUES Filósofo e Pedagogo, especialista em Docência do Ensino Superior e Graduando em Arquitetura e Urbanismo, pela Faculdade de Juazeiro do Norte-FJN, desenvolve pesquisas na área das ciências ambientais, com ênfase na ética e educação ambiental. É defensor do desenvolvimento sustentável, com relevantes conhecimentos no processo de ensino-aprendizagem. Membro efetivo do GRUNEC - Grupo de Valorização Negra do Cariri. E-mail: tayronnealmeid@gmail. com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9378-1456>

JOÃO LEANDRO NETO Filósofo, especialista em Docência do Ensino Superior e Gestão Escolar, membro efetivo do GRUNEC. Publica trabalhos em eventos científicos com temas relacionados a pesquisa na construção de uma educação valorizada e coletiva. Dedicar-se a pesquisar sobre métodos e comodidades de relação investigativa entre a educação e o processo do aluno investigador na Filosofia, trazendo discussões neste campo. Também é pesquisador da arte italiana, com ligação na Scuola de Lingua e Cultura – Itália. Amante da poesia nordestina com direcionamento as condições históricas do resgate e do fortalecimento da cultura do Cariri. E-mail: joaoleandro@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1738-1164>

DENNYURA OLIVEIRA GALVÃO Possui graduação em Nutrição pela Universidade Federal da Paraíba, mestrado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e doutorado em Ciências Biológicas (Bioquímica Toxicológica) pela Universidade Federal de Santa Maria (2016). Atualmente é professora titular da Universidade Regional do Cariri. E-mail: dennyura@bol.com.br LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4808691086584861>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-321-7

